

Discursos antagônicos na mídia digital: por uma postura ativa na pesquisa

Rita Maria Diniz Zozzoli¹

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil

Resumo: Este artigo propõe discutir o papel do/a pesquisador/a ativo nas práticas sociais a partir da noção de sujeito responsivo e responsável, sem alibi no seu existir (BAKHTINE, 2003 [1986]; BAKHTIN, 2010 [1986]) e, portanto, assume uma posição para além das interpretações possíveis das análises e se insere em ações sociais que ultrapassam a dimensão acadêmica de seus textos orais ou escritos. Nessa perspectiva, examina discursos antagônicos na mídia digital, defendendo a interrelação desses discursos que se disseminam sem as barreiras de contextos, vetores, gêneros, espaços e tempos diversos e sem limites entre os discursos de rede e os que se encontram fora dela. Reflete sobre os mecanismos que comandam o poder do digital, como os que fomentam sentimentos de autossatisfação e de raiva. Mais especificamente, expõe reflexões sobre o enunciado prototípico (ZOZZOLI, 2018, 2020) Vacinas salvam e algumas de suas disseminações, procurando relacionar reflexões da discussão teórica às publicações estudadas.

Palavras-chave: Ativismo dialógico; Sujeito responsivo-ativo; Enunciado prototípico; Mídia digital.

Title: Antagonist discourses in digital media: toward an active posture in research

Abstract: This paper proposes the active insertion of the researcher in social practices from the notion of a responsive and responsible subject, without an alibi in his/her existence (BAKHTINE, 2003 [1986]; BAKHTIN, 2010 [1986]) and, therefore, that assumes a position beyond of possible interpretations of the analyses, acting socially through his/her oral or written utterances. In this perspective, it examines antagonistic discourses in digital media, defending the idea of the interrelation of those discourses in a dissemination without barriers of contexts, vectors, genres, different spaces and times and without limits between the network discourses and those ones outside it. It reflects on the mechanisms that command the power of digital, such as those that foster feelings of self-satisfaction or anger. More specifically, it exposes reflections on the prototypical utterance (ZOZZOLI, 2018, 2020) Vaccines save (lives) and some of its disseminations, seeking to relate reflections from the theoretical discussion to the publications analysed.

Keywords: Dialogic activism; Active-responsive subject; prototypical utterance; Digital media.

¹ Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0351-1397>. E-mail: ritazoz@gmail.com.

Introdução

Este trabalho se situa nas áreas de estudos da Linguística Aplicada (LA) e da Análise Dialógica do Discurso. Há algumas décadas, a LA tem se caracterizado por sua inserção nas práticas sociais, indo além dos contextos de ensino e aprendizagem e com os discursos que se relacionam com esses contextos. Nesses estudos contemporâneos, a relação teoria/prática não é hierárquica, sem prevalência da primeira sobre a segunda. Assim, procura-se, sair da “cidadela mandarina” (palavras de Bourdieu, 2004), para se referir à academia, e tem-se procurado abrir espaço à multiplicidade de vozes, ao heterodiscurso (BAKHTIN, 2017 [2012]). Nesse heterodiscurso é que se desenvolvem ações politicamente e academicamente responsáveis, nas quais agentes de comunidade e outros sujeitos participam das práticas desenvolvidas, procurando-se ultrapassar visões anteriores hierarquizadas, nas quais a academia sempre costumou assumir um papel central e decisório. Esse papel, como veremos a seguir, cede espaço a outro não autocrático, num tipo de pesquisa que não privilegia os saberes institucionalizados e que contempla a participação do *outro* sujeito cognoscente, numa visão de *ativismo* dialógico, cada vez mais requisitada nas pesquisas atuais em LA, uma vez que, principalmente em áreas como a de ensino e de formação de professores/as, por exemplo, essas investigações se comprometem com transformações através de metodologias como a pesquisa-ação, a pesquisa colaborativa e a auto-observação (autoetnografia ou autorreflexão), a qual abre caminho para a reflexão de um sujeito sobre seu próprio agir numa determinada situação. Pretendo que essa descentralização do poder pode ser levada a outras modalidades de investigação para promover transformações sociais e procuro exemplificar a partir de minha própria pesquisa.

Assim, é com esse posicionamento acadêmico e político que situei minha investigação atual e que proponho a pesquisa *Diálogo social e a interligação de gêneros e enunciados prototípicos no discurso da mídia e do ensino e aprendizagem*, com duas faces que são interligadas: uma análise de discurso de enunciados da mídia digital e uma investigação sobre propostas para o ensino e aprendizagem de línguas, tomando como base a perspectiva dialógica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929-30]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]; BAKHTIN, 1997 [1929], 1998 [1975], 2003 [1979], 2010 [1986], 2017 [2012], 2018 [2012], 2019 [2012]) e os outros autores que cito neste trabalho (BOURDIEU, 2004; FOUCAULT, 2006, SANTOS, 2016; DA EMPOLI, 2019; FRANÇOIS, 1998; BUSTAMANTE, 2010, SALMON, 2020). É, então, uma postura transdisciplinar que vai existir nas duas vertentes da pesquisa.

Particularmente neste texto, exploro a face da análise de discurso dialógica de enunciados da mídia digital com o conceito que denominei de enunciado prototípico (ZOZZOLI, 2018, 2020) e que será definido brevemente mais adiante.

Por um ativismo dialógico também na pesquisa

Nessa linha teórica, é primordial reconhecer que outras vozes povoam sempre nosso discurso. Algumas, somos capazes de distinguir, outras respondem a valores e intenções

discursivas vindos de outros sujeitos e de outros tempos e lugares (BAKHTIN, 1998 [1975], 2017 [2012]). Mas a palavra povoada das vozes dos outros não retira o caráter ativo do nosso discurso como sujeito da compreensão responsiva-ativa (VOLÓCHINOV, 2017 [1929-30]; BAKHTIN, 1997 [1929], 1998 [1975], 2003 [1979], 2017 [2012], 2018 [2012], 2019 [2012] e da produção responsiva ativa (Zozzoli, 2012). Nelas se vai além da mera reprodução de conhecimentos, escapando-se, assim, de um determinismo criticado pelos autores do chamado Círculo. É o que se percebe na definição de intenção (vontade) discursiva: “A intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade e subjetividade, é em seguida [depois da escolha de um certo gênero do discurso] aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 282).

Assim, compreende-se que o sujeito dialógico, responsivo e responsável, não tem alibi em seu existir num mundo real e não pode negar sua singularidade nesse mundo (BAKHTINE, 2003 [1986]; BAKHTIN, 2010 [1986]). “A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória” (BAKHTIN, 2010 [1986], p. 96). É necessário salientar que a particularidade desse sujeito existe, também, em relação a uma humanidade histórica, não apenas em relação a um outro que está em face dele: o outro são também os vários outros que participam do diálogo social.

Há que considerar ainda que, para o pensamento dialógico, o subjetivo não é dicotomicamente separado do objetivo. Para Bakhtin (2010 [1986]), “é um erro do racionalismo opor o que é subjetivo, individual, enquanto irracional² e fortuito. Ao que é objetivo, abstratamente separado do ato, se atribui a racionalidade inteira do ato [...]” (BAKHTIN, 2010 [1986], p. 82).

Com apoio nessas considerações, é possível defender a posição ativa do/a pesquisador/a como a que proponho aqui. Evidentemente, essa proposta também não postula a dicotomia sujeito/objeto nem nenhum tipo de neutralidade em todos os contextos em que a palavra viva se insere, seja ela vinda do próprio “dado de pesquisa” (que nunca pode ser depurado da saturação em que vive a palavra), seja ela do/a pesquisador/a, imerso/a no terreno ideológico em que se encontra.

Tomando como base o que diz Bourdieu (2004), já citado acima a respeito do papel dos chamados “intelectuais”, conclui-se que uma posição de ativismo dialógico nas ações de pesquisa permite a postura de envolvimento social, o que implica uma análise de discurso que não se posiciona como discurso fechado da academia, isto é, dentro de uma visão em que o/a analista não poderia imiscuir-se nessa sociedade, mesmo porque seu papel se desvela já pela escolha do próprio tema, dos pressupostos teóricos e da metodologia de pesquisa.

Papel e limites do/a pesquisador/a

Continuando a falar de vozes, quais seriam, então, as vozes a serem ouvidas, num

² Na tradução em português (BAKHTIN, 2010 [1986]), houve provavelmente um lapso e se escreveu *racional* no lugar de *irracional*. Na tradução em francês (BAKHTINE, 2003 [1986]), a palavra é *irrationnel* (irracional).

comprometimento com a transformação social? A respeito das vozes do Sul, diz Boaventura Santos: “O conceito de Sul não aponta exclusivamente a uma geografia. É uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, e da resistência a essas formas de opressão” (SANTOS, 2016, p. 16). Dessa forma, e também como não falamos a partir do norte eurocêntrico quando falamos do Brasil, proponho (ZOZZOLI, 2021) que utilizemos *vozes da resistência* (no meu entender, não é resiliência, porque esse conceito é para mim centrado no sujeito; é resistência, o que envolve luta social ao lado de outros sujeitos) para todas as vozes dos que sofrem as formas de opressão já mencionadas.

Para entender melhor o poder e a resistência, recorro a Foucault (2006), para quem o poder não são apenas “os efeitos de dominação que estão ligados à existência de um Estado e ao funcionamento dos aparelhos de Estado”, mas existem também relações de poder “entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família” (FOUCAULT, 2006, p. 231). Para esse autor, essas microlutas são comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes, mas, ao mesmo tempo, o poder dos aparelhos de Estado não poderia existir sem essa base das pequenas relações de poder.

O plano em que Foucault situa as microlutas poderia, no meu entender, ser aproximado do plano da ideologia do cotidiano em Volóchinov (2017 [1929-30]) e em Bakhtin (2001 [1927]). Para esse último autor, as contradições acumuladas nesse nível são capazes de explodir o sistema da ideologia oficial. Na mesma esteira de pensamento, Volóchinov (2017 [1929-30]) afirma que é nas camadas superiores da ideologia do cotidiano, as quais correspondem a um pensamento de grupo social organizado, que “se acumulam as energias criativas responsáveis pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos” (2017 [1929-30], p. 215). É o que se vê hoje, por exemplo, quando as chamadas minorias conseguem se politizar e chegam – é verdade que a muito custo - a obter mudanças ou inserções na legislação, como é o caso da Lei Maria da Penha para as mulheres, por exemplo.

Ainda sobre relações de poder, é preciso acrescentar que, para Foucault (2006), as massas não necessitam dos “intelectuais” para saber nem para dizer³. O papel dos chamados intelectuais seria *ao lado* de todos e todas que lutam pela tomada do poder, “para fazê-lo aparecer e abalá-lo ali onde ele é mais invisível e mais insidioso” (2006, p. 39).

A face digital da pesquisa

Análises com reflexões que articulem os discursos em torno de enunciados/acontecimentos/temas (ZOZZOLI, 2016) dentro e fora do ambiente virtual e que permitam problematizar as discussões e debates em diversos contextos, aí incluídos os de ensino e os de comunidades digitais⁴ ou não, poderão fazer circular esses discursos e provocar

³ Explicando as aspas: intelectual, termo que é usado largamente em francês para designar estudiosos, acadêmicos em geral, quando empregado em português, soa para mim como pedante e até pejorativo; faz imaginar uma elite pensante.

⁴ Bustamante (2010) defende a ideia de um exercício profundo da participação política denominado cidadania digital, conceito baseado, dentre outros fatores na apropriação social da tecnologia, o que supõe empregá-la para fins não só de excelência técnica, mas também de relevância social. Mas aprofundar esse ponto fugiria do

eventuais transformações.

Sobre o acesso à Internet, o portal G1 afirma, com base em estudo de uma parceria do Instituto Locomotiva com a multinacional Pwc (cujos resultados foram divulgados pelo Jornal Nacional em 18/03/2022), que “Quase 34 milhões de brasileiros nunca acessam a internet; a maioria deles das classes C, D e E. Quase 87 milhões não conseguem se conectar todos os dias. Seis em cada dez só entram na rede com telefones celulares”⁵. Não é meu objetivo aprofundar aqui os vários aspectos que dizem respeito à distribuição dessas porcentagens: em que classes estão mais localizadas essas pessoas; se estão na cidade, na periferia ou no campo, ou ainda em que regiões se concentram. Tais questões têm relevância, mas o que mais importa na minha discussão aqui é levar em conta se esse acesso ao celular pode ou não representar, *qualitativamente*, atividades de um usuário com compreensão responsiva ativa.

A esse respeito, considero que a facilidade de acesso aos meios tecnológicos pode dar uma falsa ilusão de *autonomia relativa na leitura* (Zozzoli, 2003) ou autonomia relativa na compreensão/produção ativas (envolvendo multiletramentos)⁶, que seria uma autonomia do sujeito ativo já descrito acima e que só existe na intersubjetividade, de forma oscilante, porque depende das inter-relações sociais e das transformações subjetivas. Mas ainda estamos longe de ver em nosso país o acesso popular massivo e crítico às redes, e precisamos, antes de tudo e mais do que nunca, formar leitores/produtores de textos numa perspectiva de compreensão e de produção responsivas ativas e éticas.

Ao mesmo tempo, deve ser levado em conta o fato de que, mesmo que boa parte da população não tenha acesso a redes, isso não impede que ela receba os discursos midiáticos a partir de outros vetores⁷, como a conversa cotidiana, e que seja afetada por eles, uma vez que os discursos circulam socialmente nos diferentes planos. Deve-se considerar, ainda, que mesmo quando as classes populares têm acesso direto à mídia digital, isso se dá, como já visto, basicamente pelo celular e por meio de aplicativos bem limitados no plano de manifestação de opiniões e pontos de vista valorativos coerentes, como o WhatsApp, o Instagram e o TikTok, por exemplo. Acrescente-se, também, que os objetivos de uso desses acessos são em geral de entretenimento, de consumo e de conversa cotidiana no caso do WhatsApp e não representam de ordinário a busca de conhecimentos de forma geral ou de acesso a seus direitos de cidadão, mesmo porque o acesso às redes, precário ou inexistente, bem como a qualidade dos aparelhos dificultam ou inviabilizam outros usos, como, por exemplo a frequência às aulas remotas.

Além disso, é preciso considerar que boa parte dessa população tem dificuldades com a leitura e com a escrita numa perspectiva de letramento. Possivelmente isso também

foco central deste trabalho.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/18/menos-de-um-terco-da-populacao-brasileira-tem-acesso-pleno-a-internet-mostra-pesquisa.ghtml>. Acesso: 04/05/2022.

⁶ A produção ativa diz respeito às duas modalidades (oral e escrita) e considera uma noção de texto ampla que não se limita à linguagem verbal, estendendo-se a textos imagéticos, cenográficos, enfim, de linguagens outras, numa perspectiva de letramento.

⁷ Noção explicada mais adiante neste texto.

acontece com boa parcela da classe considerada média. Em outros termos, o sujeito tem dificuldade de ler com compreensão responsiva ativa em grau aprofundado e não consegue fazer mensagens escritas, preferindo gravá-las, na maior parte do tempo, quando se trata do WhatsApp. Frequentemente, esses áudios são utilizados para a comunicação cotidiana, substituindo muitas vezes a chamada telefônica. Isso reduz a resposta ativa explícita à modalidade oral ou a figuras, emoticons etc., a certos gêneros discursivos do cotidiano e a objetivos desse tipo de comunicação. Destaque-se que, em muitos casos, dependendo do objetivo discursivo, o WhatsApp nem demanda resposta explícita (quanto maior for a enxurrada de postagens mais a tendência é de ausência de resposta explícita). Assim, faz falta a esse sujeito uma ampliação e um aprofundamento da atitude responsiva ativa, que se limita muitas vezes a disseminar as publicações, principalmente no caso de postagens que veiculam textos já prontos com temas e teor ideológico variados (religioso, político, autoajuda etc.), ficando, então, muito sujeito à submissão a qualquer tipo de marketing viral e a todo tipo de manipulação, tornando-se exposto ao *trolling*⁸ (DA EMPOLI, 2019) nas redes sociais. Fora das conversas cotidianas, recebe conteúdos prontos e divulga, quase que automaticamente, sem questionar: o que isso quer dizer por trás do que é visível? O que isso tem a ver comigo e com aquelas e aqueles que estão na mesma classe/grupo social junto comigo?

Diante disso, é preciso levar em conta que Bustamante alerta para o fato de que

[...] as redes digitais são o campo de batalha onde se travam algumas das lutas mais significativas pelos direitos humanos. Não podemos falar de liberdade de expressão nem de direito à informação se não considerarmos as possibilidades que as ditas redes oferecem aos cidadãos menos favorecidos (2010, p. 15).

Assim, o risco é que as desigualdades sociais já existentes na sociedade se reproduzam e se multipliquem através dos meios digitais. O autor já citado denuncia essa desigualdade entre os cidadãos e entre os países e caracteriza, então, a hipocidadania digital, que seria a eliminação paulatina da consciência cidadã por meio de várias dinâmicas políticas: aumento do controle social; expansão da informática por padrões proprietários; monopolização dos padrões de hardwares, softwares e padrões de comunicação; promoção de um uso simplesmente lúdico das TIC (incluindo a expansão do setor dos consoles e dos videogames); fomento de um uso superficial e não comprometido das redes sociais virtuais etc. e a hipercidadania digital, ou seja, o exercício mais profundo da participação política. As dinâmicas políticas podem levar a uma ou a outra (BUSTAMANTE, 2010).

Temos, no Brasil, no momento atual, vários exemplos de como o poder público interfere e pode contribuir para a hipocidadania digital e é aí que reitero as reflexões de Bourdieu e de Foucault sobre o papel dos chamados “intelectuais”.

Nesse contexto, é preciso considerar que, para estudiosos como Da Empoli (2019), o narcisismo e a impaciência em ver nossos desejos satisfeitos (o que para mim casa bem com o produtivismo e o imediatismo que conduzem ações das mais diversas na sociedade atual,

⁸ *Troll*, na linguagem da internet, designa usuários que disseminam a discórdia, a fúria e o caos nas redes sociais, aleatoriamente ou com estratégias definidas (DA EMPOLI, 2019).

principalmente em determinados países como o Brasil, chegando até a direcionar políticas de produção científica no mundo acadêmico) comandam nossa vida nas redes sociais. Em minhas reflexões, relacionando teoria, observação informal e geração de dados (RODRIGUES, 2020)⁹ (escolha de enunciados no caso da pesquisa aqui considerada)¹⁰, observo que as diferentes classes sociais atingidas, seja de forma em que a resposta ativa é mais superficial, do tipo clicar e reenviar a outras pessoas ou publicar imediatamente numa plataforma, sem muitas vezes ler a postagem original além da “chamada” do título, seja de forma mais envolvida e consequente, em que o usuário se envolve na resposta, tem-se a expectativa da aprovação do outro. Para Da Empoli, “Cada curtida é uma carícia maternal em nosso ego” (2019, p. 75).

Outro foco explorado pelos grupos extremistas de direita na Internet é a raiva, um “afeto narcisista por excelência”. Ela está relacionada ao sentimento de impotência e de frustração “por causa do crescente abismo entre a mediocridade de nossa vida e de todas as vidas possíveis que se oferecem virtualmente em nossos monitores” (DA EMPOLI, 2019, p. 76). Ainda segundo o mesmo autor, o conspiracionista compreende a ira do raivoso e a justifica, dando-lhe ainda a saída de se transformar num soldado da batalha pela verdade. Caberá, ainda, em outros escritos, discutir e aprofundar a noção de verdade, *istina e pravda*, (BAKHTIN, 2010 [1986]), o que permitirá levar em conta a existência de uma verdade concreta do ser-acontecimento (*pravda*), distinta da verdade pensada como puramente teórica e universal. Neste artigo, com os exemplos apresentados a seguir, considero que cada internauta expressa “sua” verdade e/ou a verdade dos *trolling*, a qual eles assumem como deles. Em todo caso, nenhuma é desprovida de ideologia, evidentemente, uma vez que, conforme nos afirma Volóchinov, “Onde há signo há também ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929-30], p. 93).

Os enunciados prototípicos na análise

Neste momento, estudo o que chamo de enunciados prototípicos, em escritos e apresentações desde 2014, que defino como enunciados que fazem parte de um fenômeno amplo de disseminação do já-dito e do já-feito, ambos em permanente processo, nunca acabados, tendo uma ligação estreita com acontecimento/s e tema/s - também vistos em sua incompletude – por meio da cadeia do diálogo social.

Esses enunciados são interligados no plano linguístico (por repetição, acréscimo, substituição, alusão etc.) e/ou no plano da imagem, aos acontecimentos e aos temas coexistentes, reunindo condições potenciais para serem disseminados na mesma dimensão cronotópica¹¹ ou em outras dimensões no tempo e no espaço, desde que existam relações

⁹ Geração de dados é um termo de Rosângela Hammes Rodrigues, que assim explica: “ainda que os dados estejam lá e dados de antemão, considero que há a geração dos dados, porque mesmo que arquivos sejam coletados, estando alhures antes da pesquisa, essa coleta se realiza em função de objetivos de pesquisa, do que o pesquisador encontra de material de pesquisa. Em síntese, esse trabalho de procurar e coletar materiais pré-existentes também é um processo de gerar os dados da pesquisa” (RODRIGUES, 2022, p. 19).

¹⁰ Ver a seção “Os enunciados prototípicos na mídia digital” a esse respeito.

¹¹ A noção de cronotopo é definida por Bakhtin como “a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo

dialógicas.

Do ponto de vista dialógico, as relações lógicas ou concreto-semânticas numa visão estritamente linguística seriam abstrações e necessitariam de momento dialógico, uma vez que “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 183). Dessa forma, são as relações dialógicas que possibilitam essa disseminação, já que podem existir mesmo entre “dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço [...] se entre eles há ao menos uma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista etc.)” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 331). É, portanto, através dessas relações que se dá, também, a interligação já referida entre o discurso dito presencial e o dito virtual¹².

É preciso ainda esclarecer que o enunciado prototípico, quando disseminado em novas situações cronotópicas, relacionado diretamente ou não ao mesmo tema ou acontecimento, nunca será o mesmo enunciado já proferido antes. O enunciado que denomino de base representa um ponto de partida para as discussões na análise como “desencadeador”, mas não é considerado como a primeira palavra já proferida, podendo ter origens não necessariamente investigáveis.

Os enunciados prototípicos na mídia digital

Minha fonte de coleta atual são vetores e gêneros da Internet. O termo vetor (FRANÇOIS, 1998) é aqui utilizado no lugar de suporte ou veículo, frequentemente empregados em diversos estudos. Em trabalhos anteriores, comento que esses termos parecem reduzir a noção a um nível puramente físico, material e dão uma conotação estática ao fenômeno observado (ZOZZOLI, 2015, 2020). Os vetores podem ser objetos, indo desde os mais coletivos aos mais pessoais, individuais, de acordo com o contexto de utilização: um cartaz, um bilhete colado, um adesivo, um folder, uma faixa, mas às vezes, também, uma camiseta ou objetos pessoais em geral: ou então, esses vetores ultrapassam o quadro do objeto, chegando até as inscrições no corpo, como é o caso das tatuagens, ou a fotos e vídeos de ações.

O mesmo enunciado pode comparecer em diversos gêneros e vetores da Internet ou no discurso do cotidiano, como é o caso de alguns já estudados por mim, como *Je suis Charlie*, após o atentado ao jornal CharlieHebdo, em Paris, *Ele não me representa*, *Black lives matter*, *Fique em casa*, que apareceram em postagens no Twitter, no Facebook, no Instagram, em blogs e sites, tanto em textos como em imagens de diversos tipos.

Muitos desses enunciados se encaixam no subtema do *posicionamento em relação a um acontecimento*, dentro do tema maior da *exposição do homem/mulher (de si mesmo ou de outrem) num plano público/político*, conforme classificação já efetuada em trabalho anterior (ZOZZOLI, 2020) com o enunciado *(Ele) não me representa*. Esse também é o caso de

compreensivo e concreto” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 211).

¹² Aliás, esses termos se prestam a discussão: até que ponto o virtual não implica uma presença? Presença diferente, com certeza, mas não fictícia, viva como é viva a linguagem em qualquer situação discursiva concreta.

Vacinas salvam, aqui analisado como enunciado de base e sua disseminação em declinações possíveis no Twitter. As declinações seriam diferentes arranjos linguístico-discursivos a partir do enunciado de base: *Vacinas salvam vidas*, *Vacinas salvam (vidas)*, *o que mata é...* (times de futebol, jogadores, namorados/as etc.), *Vacinas salvam, ele não*, e os oponentes, que vão negar que as vacinas salvam de diferentes formas.

A escolha do Twitter se dá pela facilidade de verificação das declinações e suas disseminações por meio da eficiência do mecanismo de busca desse aplicativo, incluindo as hashtags e também por conter respostas ativas explícitas. Geralmente me sirvo dele como ponto de partida para “testar” a operacionalidade de um provável enunciado prototípico primeiramente identificado por sua recorrência em um dado momento discursivo.

Os temas dos enunciados, relacionados sempre a acontecimentos (ZOZZOLI, 2018, 2020), *em consonância com a proposta de pesquisador/a ativo*, focalizam sempre debates sociais e são transponíveis a situações de ensino ou de trabalhos sociais em outros contextos como comunidades de diversos tipos (urbanas, periféricas, rurais, letradas ou não, organizadas por jovens, por idosos, por categorias profissionais, por doentes etc.), digitais ou não.

Outra coisa a observar na escolha do aplicativo, é o fato de que no Twitter há pouco espaço para argumentação. Tinha 140 caracteres, passou para 280. Os usuários não aprovaram e têm se limitado aos 140. O tamanho máximo de um arquivo é de 512 MB. Isso parece atender à necessidade de rapidez com que vivemos no mundo atual que já foi mencionada antes e será mais uma vez aludida logo em seguida. Em 2020, o Twitter incluiu a opção de compartilhar tweets através de fios contínuos, as *threads*, onde os usuários podem linkar vários tweets e, assim, terem uma sequência de textos e de discussão através de um grupo de tweets. Não tenho conhecimento do resultado prático e comercial dessa empreitada.

Especialistas da Comunicação, psicólogos e sociólogos já estudam, em obras separadas, em seus campos de estudo, três aspectos que eu resumo aqui em três palavras, para não alongar demasiadamente o texto: o imediatismo, o narcisismo e o produtivismo. Isso significa: dizer rápido e ler rápido (imediatismo), “aparecer bem na foto” (narcisismo) e conseguir muitos likes e seguidores (produtivismo) (DA EMPOLI, 2019). Nesse quadro, o enunciado *Vacinas salvam (vidas)*, *o que mata é...* esteve em alta produtividade em função de um fenômeno de imitação em massa que será analisado a seguir.

De modo geral, o enunciado *Vacinas salvam* mostrou-se produtivo com o acréscimo de variações, e declinações que vão sendo criadas para atender aos objetivos do imediatismo, do narcisismo e do produtivismo já mencionados.

Vejamos, então, alguns exemplos de análise que representam posições discursivas¹³ análogas ou distintas.

¹³ Utilizo o termo posição discursiva para marcar sua mobilidade e instabilidade no tempo e no espaço. Trata-se de posições ideológicas que orientam as ações dos sujeitos, sempre responsivos e ativos.

Articulações de *Vacinas salvam*¹⁴:

Vacinas salvam vidas

Figura 1



Disponível em:

<https://publish.twitter.com/?query=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2FUOLNoticias%2Fstatus%2F1440034466622164996&widget=Tweet>. Acesso: 22/09/21.

Vacinas salvam (vidas) o que mata é...

Figura 2



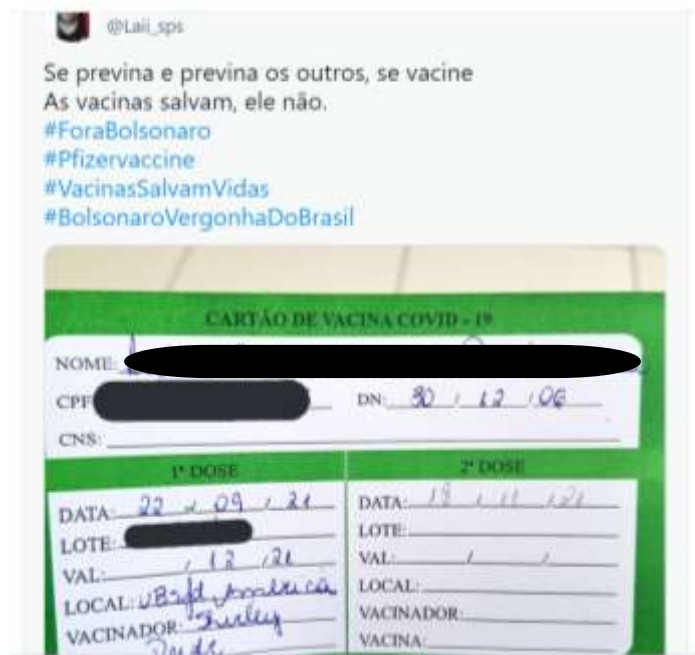
Disponível em:

<https://publish.twitter.com/?query=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2FYasminMarquesA3%2Fstatus%2F1438154916619563015&widget=Tweet>. Acesso: 22/09/21.

Vacinas salvam, ele não

¹⁴ Em português, o verbo pode ser usado sem complemento, o que não é o caso em línguas como o francês, por exemplo.

Figura 3



Disponível em:

<https://publish.twitter.com/?query=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2FLaiisps%2Fstatus%2F1440766391234162693&widget=Tweet>. Acesso: 22/09/21.

Oponentes:

Figura 4



Disponível em:

<https://publish.twitter.com/?query=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2FYochanan2%2Fstatus%2F1437714243961360384&widget=Tweet>. Acesso: 22/09/21.

Figura 5



Disponível em:

<https://publish.twitter.com/?query=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2FCivanghd%2Fstatus%2F1440152388946386944&widget=Tweet>. Acesso: 22/09/21.

Percebe-se, em quase todas as postagens, exceto na da figura 4, que contém uma ironia no próprio enunciado prototípico, que a declinação acrescentada ao enunciado de base já vai muitas vezes posicionar ideologicamente a postagem. Em seguida, podem aparecer ou não argumentações ou tentativas de argumentações a favor ou contra o enunciado de base. O teor dessas argumentações merece ser estudado para desvelar discursos já ditos que orientam afirmações sem fundamentos lógicos, o que se tornará um ponto de discussão no plano da formação de leitores e produtores responsivos, ativos e éticos.

De fato, a dimensão ética, para mim diretamente ligada à responsabilidade, merece ser um foco de atenção na nossa sociedade brasileira. Evidentemente que essa exigência não acontece apenas em relação a produções verbais escritas, nem a publicações na Internet (já comentei e reflito ainda mais adiante, sobre a inseparabilidade entre discursos da Internet e discursos em outros ambientes na vida vivida). Como exemplo de acontecimento em outros ambientes, tem-se um episódio recente na frente da embaixada brasileira em Londres, durante o qual manifestantes favoráveis ao presidente em exercício, numa atitude semelhante àquela já tomada pelo chefe do executivo, faziam campanha para as eleições brasileiras, não levando em conta que isso não condizia com o momento do funeral da rainha Elisabeth II, desrespeitando os habitantes de um outro país e seus valores.

Na primeira postagem (figura 1), o contexto é aparentemente cordial e o sorriso do Presidente do Brasil me leva a pensar que a foto se deu no momento inicial do encontro, logo na chegada dos dois. Depois, a partir do momento em que o Primeiro Ministro Britânico da época faz perguntas que sugerem questionamento das atitudes do Presidente do Brasil, este último talvez não tenha um sorriso tão largo. A posição de poder do Primeiro Ministro Britânico, provavelmente calculada antes do encontro, é reforçada pela foto da Rainha, logo atrás dele, o que servirá provavelmente para uso de sua imagem no país dele.

Quanto ao enunciado *Vacinas salvam vidas*, proferido por Boris Johnson, não está claro no resumo do Twitter se isso se deu antes ou depois do Presidente do Brasil dizer que não se vacinou. Seja como for, o enunciado *Vacinas salvam vidas* utilizado neste contexto:

1. pode significar um reforço da posição do Primeiro Ministro Britânico diante de seus concidadãos e da opinião pública global;
2. como é pública e notória, mesmo no plano internacional, a posição do Presidente do Brasil a respeito da Covid e das questões ligadas a essa doença, pode expressar um questionamento, não apenas das palavras e dos atos do Presidente do Brasil, quando diz que não se vacinou e se refere à sua situação pessoal, mas de atos dele como Presidente em relação ao enfrentamento da pandemia no Brasil e às consequências desses atos, como é do conhecimento de todos e todas. Assim, o enunciado *Vacinas salvam vidas* nessa situação tem uma potencialidade de sentidos da ordem do subentendido¹⁵.

Nos exemplos das figuras 2 a 5, encontra-se a luta entre os posicionamentos axiológicos e ideológicos em jogo. A primeira posição corresponde a uma população que tinha/tem argumentos em favor do isolamento social, de medidas sanitárias contra a pandemia da Covid 19 em geral, dentre as quais está a vacina. Politicamente, esse grupo não compartilha das opiniões do executivo e de seus aliados, mas é oportuno pontuar que não parece se instalar em um só grupo social, em uma só faixa etária, em um só partido político e nem mesmo em um só contexto nacional.

Dentro desse grupo, estão as postagens da figura 2 e da figura 3. Na figura 2, após o enunciado prototípico *Vacinas salvam*, tem-se duas declinações (diferentes arranjos linguístico-discursivos): o acréscimo de *vidas* e de *o que mata é*, expressão muito utilizada em postagens em 2021 e no início de 2022, quando houve um fenômeno semelhante a um buzz¹⁶, no qual mensagens divertidas são disseminadas. Assim, o complemento dessa expressão pode ser diverso nas publicações do Twitter, como por exemplo: *Vacinas salvam vidas, o que mata é ver Gilvan como titular do Botafogo*; *Vacinas salvam vidas, o que mata é achar que heineken é melhor q bud*. Aparecem, também, postagens com diferentes posicionamentos políticos e críticos: *Vacinas salvam vidas, o que mata é fake news*; *Vacinas salvam vidas, o que mata é recusar a compra e ainda pedir propina*.

A postagem da figura 3 retoma um enunciado prototípico utilizado em momento anterior, quando das eleições presidenciais de 2018: *Ele não*, naquela época declinado em: *Ele nunca*, *Ele jamais*, *Ele sim* e outras variações. A retomada de *Ele não* em nova situação cronotópica através da alusão permite questionar a mesma personagem em momentos distintos. Dessa forma, essa alusão aproxima o questionamento anterior da campanha presidencial de 2018 do questionamento da postagem a respeito da mesma personagem. Está claro aí o papel das relações dialógicas nesse processo em que palavras de ontem se articulam com palavras de hoje e de amanhã. “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem

¹⁵ Para Volóchinov (2019, p. 119), o subentendido seria “o horizonte espacial e semântico comum dos falantes” (grifo do autor).

¹⁶ Estratégia de replicar espalhando mensagens em Marketing.

limites) (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 410).

A outra posição discursiva é a que acata e dissemina os discursos do executivo e de seu grupo, colocando-se de forma antagônica à primeira e na qual estão claras posições negacionistas: nos exemplos aqui apresentados, expressando-se contra a vacina; em outros discursos, minimizando ou contestando regras sanitárias e até mesmo a periculosidade da doença.

As postagens das figuras 4 e 5 fazem parte desse grupo. Citando uma pesquisa do MIT (VOUSOUGHI; ROY; ARAL, 2018) sobre a rapidez da propagação de *fake News*, Da Empoli comenta que as redes sociais são talhadas para a conspiração. Cita vários casos em países diversos em que os usuários entram em “estranhas espirais de um consenso muito poderoso ou, ao contrário, de sério conflito com outros usuários” (DA EMPOLI, 2019, p. 79). Nesse contexto, os argumentos contra as vacinas e outros tipos argumentos conspiracionistas, como os da teoria da terra plana, implementados e incentivados pelo poder em exercício, são reiterados incansavelmente impulsionados por fortes emoções, polêmicas, indignação e raiva, o que mantém cada vez mais os usuários colados às telas (DA EMPOLI, 2019).

A questão não é simples, principalmente por dois motivos principais; o primeiro já foi mencionado e é a possibilidade de os discursos se disseminarem sem as barreiras de contextos, vetores, gêneros, espaços e tempos diversos. Isso significa que as posições veiculadas na Internet se disseminam na vida fora das redes e vice-versa. O segundo, diretamente ligado ao primeiro, é o fato de que essas posições coexistem hoje no mundo globalizado, no qual parece se desenhar uma “nova”¹⁷ ordem mundial na qual se instalou o que Salmon (2020) chamou de *poder grotesco*. Nesse quadro, negacionistas e adeptos de teorias da conspiração estão espalhados pelo mundo.

Segundo Salmon (2020), a expressão *poder grotesco* foi utilizada por Foucault em 1975-1976. Esse último autor afirma: “Chamo grotesco o fato que em razão de seu status um discurso ou um indivíduo possam ter efeitos de poder que suas qualidades intrínsecas deveriam desqualificar”¹⁸ (FOUCAULT apud SALMON, 2020, p. 30). O grotesco político seria, então, a defasagem entre o poder e a qualificação daquele que o exerce. Assim, lembrando o carnaval de Bakhtin, Salmon afirma que, mesmo recorrendo às inversões carnavalescas já categorizadas por aquele autor, a tirania dos bufões relaciona-se a um carnaval invertido, que é de cima para baixo e não é democrático.

Um aprofundamento sobre como se dá a movimentação dessas posições nas fileiras discursivas demandaria muitos outros estudos. No momento, cabe aqui enfatizar a exposição e a submissão de populações mais vulneráveis ao discurso dos *engenheiros do caos* (DA EMPOLI, 2019). Segundo esse autor, engenheiros do caos são os líderes do populismo atual, como Victor Orban, Donald Trump, Boris Johnson e o presidente brasileiro atual, apoiados em consultores políticos como Dominic Cummings e Steve Bannon.

¹⁷ Muitas vezes não tão “nova”, porque retoma valores do passado.

¹⁸ « J'appelle grotesque le fait qu'en raison de leur statut un discours ou un individu peuvent avoir des effets de pouvoir que leurs qualités intrinsèques devraient disqualifier » (FOUCAULT apud SALMON, 2020, p. 30) (Tradução minha).

Como já observei antes, a vulnerabilidade maior de determinados países e de grupos sociais às ações dessa política se dá por carências na formação de leitores e de produtores de textos e no letramento em geral¹⁹.

O/A pesquisador/a ativo/a, responsivo/a e responsável neste momento histórico

Quanto ao papel do/a pesquisador/a nesse quadro, saliente-se que seu ativismo é que permite que o foco de seu interesse se situe no âmago das lutas sociais, lá onde estão os embates mais cruciais da sociedade. Assim acontece com o projeto da pesquisa como um todo, nos critérios de seleção do tema específico da pesquisa, dos vetores e gêneros, na geração de dados e do tipo de análise efetuada. É também sua responsabilidade, retomando a citação de Foucault, procurar desvelar os mecanismos do poder opressor *ao lado* de todos e todas que lutam pela tomada desse poder: *na pesquisa, no ensino e na vida quotidiana*.

Assim, neste momento histórico em particular, é tarefa do/a pesquisador/a ativo/a pôr em evidência discursos negacionistas enganadores como os da figura 4 e da figura 5, fazendo vir à tona: as ideologias que os comandam e seus mecanismos de produção e reprodução, (o uso estratégico do Big Data²⁰ e dos algoritmos²¹, por exemplo) , desautorizando suas ironias, ao questionar a origem de suas fontes de informação (os textos das figuras 4 e 5 não mencionam quantas e quais foram as pessoas que teriam morrido pela vacina – aliás, um dos recursos utilizados por esse tipo de postagem é a carência total de argumentos baseados em fontes, com autores/as reconhecíveis por sua credibilidade), contrapondo-os a outros discursos de fontes autorizadas pelo lugar que ocupam na profissão e na vida. Enfim, fica evidenciado em nossa análise que os posicionamentos discursivos das figuras 4 e 5 não são apenas oponentes neutros dos posicionamentos 2 e 3. São manifestações dos engenheiros do caos e de seus seguidores.

Finalmente, a responsabilidade do/a pesquisador/a não para na divulgação de sua investigação no ambiente acadêmico. Ele/ela se compromete com ações sociais de diversos tipos, níveis, ambientes, a depender de seu tema de pesquisa e da posição que ele/ela ocupam na sociedade.

Reflexões inacabadas

Num mundo em que a palavra *narrativa*, ressignificada, é muitas vezes sinônimo de

¹⁹ Em publicações já feitas, algumas aqui mencionadas, esclareço que não separo a oralidade da escrita e, ao me referir à produção de textos, considero ambas as modalidades. Além disso, como já afirmei neste texto, produções não são só verbais, mas podem ser imagéticas, filmicas etc. Assim, é uma visão de multiletramentos que está aqui contemplada, a qual não é o objetivo maior dessa publicação e por isso não será mais desenvolvida.

²⁰ “Área do conhecimento que se dedica a lidar com quantidade de dados tão extensa que é impossível analisá-los pelos sistemas tradicionais” (DA EMPOLI, 2019, p. 20).

²¹ Para Da Empoli (2019, p. 20), “Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar qualquer posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos – principalmente os medos – dos eleitores”.

discurso *fake* para atrair e convencer incautos, pôr em evidência valores que orientam as diferentes posições discursivas me parece fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade plural e justa. Mas isso ainda é insuficiente em face da fragilização do exercício da cidadania e da cidadania digital em perspectiva nacional e mundial. Nunca foi tão necessário apostar na Educação e na formação de sujeitos responsivos ativos, nunca foi tão urgente criar e implantar projetos coletivos de avanço social nesse campo. Considero que é no engajamento em projetos dessa natureza que está o papel do/a pesquisador/a ativo/a mais socialmente relevante.

Sem dúvida, numa época em que a educação do país é vilipendiada de todas as maneiras e em todos os níveis, nunca é demais lembrar que a função social dos/das pesquisadores/as e dos/das professores/as é resistir para que outros e outras, em tempos melhores, possam usufruir do bem comum que é a Educação. Nesse panorama futuro que eu quero crer que nos aguarda, as Ciências Humanas têm um papel fundamental, desde que dentro delas não estabeleçamos um corte entre disciplinas ditas nobres, canônicas e disciplinas sem esse selo porque voltadas para a articulação teoria/prática, entre pesquisas que obedecem a parâmetros conservadores e as que integram pesquisa e ação, entre saberes letrados e saberes não letrados, entre a academia e a vida.

Referências

- BAKHTIN, Mikhaïl. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 1997 [1929].
- BAKHTIN, Mikhaïl. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998 [1975].
- BAKHTIN, Mikhaïl. *Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001 [1927].
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BAKHTIN, Mikhaïl. *Por uma filosofia do ato responsável*. Traduzido por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1986].
- BAKHTINE, Mikhaïl. *Pour une philosophie de l'acte*. Paris: L'Age d'Homme, 2003 [1986].
- BAKHTINE, Mikhaïl. *Teoria do romance I. A estilística*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [2012].
- BAKHTIN, Mikhaïl. *Teoria do romance II. As formas do tempo e do cronotopo*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018 [2012].
- BAKHTIN, Mikhaïl. *Teoria do romance III. O romance como gênero literário*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019 [2012].
- BOURDIEU, Pierre. *Forschen und handeln/Recherche et action*. Freiburg im Breisgau: Rombach, 2004.
- BUSTAMANTE, Javier. Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital. In: SILVEIRA, S. *Cidadania e redes digitais*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. Tradução Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Traduzido por Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRANÇOIS, Frédéric. *Le discours et ses entours: essai sur l'interprétation*. Paris: L'Harmattan, 1998.

MEDVIÉDEV Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Traduzido por Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Relatório técnico final do projeto de pesquisa o ensino de língua portuguesa no colégio catarinense: 1906-1960. Circulação restrita, 2022.

SALMON, Christian. *La tyrannie des bouffons*. Paris: Les liens qui libèrent, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. *As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa*. Sociologias, v. 18, n. 43, p. 14-23, 2016.

ZOZZOLI, R. M. D. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, p. 253-269, 2012.

ZOZZOLI, R. M. D. Enunciados prototípicos e o discurso outro no debate político na mídia eletrônica brasileira. In: CUNHA, Doris de Arruda C.; GRIGOLETTO, Evandra; CORTEZ, Susana Leite (org.). *Representação dos dizeres na construção dos discursos*. Campinas: Pontes, 2018.

ZOZZOLI, R. M. D. A disseminação cronotópica de enunciados prototípicos nas relações dialógicas: a dinamicidade de "Ele não me representa". In: BUTTURI JÚNIOR, Atílio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago (org.). *No campo discursivo: teoria e análise*. Campinas: Pontes, 2020.

ZOZZOLI, R. M. D. Linguística Aplicada como campo multidimensional e dialógico: um percurso no tempo-espaco numa universidade do Nordeste. In: MUSSI, Marcus Vinícius Freitas (org.) *Linguística Aplicada: panorama de estudos teóricos e práticos no Nordeste*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929-30].

Recebido em: 09/05/2022

Aceito em: 23/09/2022